

**O Verso e o Silêncio de
Adelino Fontoura**

*José Neres
Jheysse Lima Coelho
Viviane Ferreira*



Este trabalho é um dos frutos do projeto de pesquisa intitulado
O Sistema Literário Maranhense: hipermídia e hipertexto,
financiado pela Faculdade Atenas Maranhense - Fama

© Todos os direitos reservados para os autores
José Neres, Jheysse Lima Coelho e Viviane Ferreira

Digitação
José Neres, Jheysse Lima Coelho e Viviane Ferreira

Revisão Geral
Lindalva Barros

Diagramação e capa
José Neres

Fonte das imagens
Internet

Neres, José

O verso e o silêncio de Adelino Fontoura / José Neres,
Jheysse Lima Coelho e Viviane Ferreira. São Luís:
JNEdições, 2011.

85p.

ISBN: 978-85-912085-0-0

1. Poesia –. 2. Estudos literários. 3. Antologia. 4. Título.
CDD: 869.91

Os autores autorizam a reprodução deste trabalho por qualquer meio físico e/ou digital, desde que sejam respeitados os direitos autorais e que as fontes sejam devidamente citadas em caso de pesquisa escolar, acadêmica ou qualquer outra.

AGRADECIMENTOS

À Faculdade Atenas Maranhense – FAMA, que apoiou e financiou o projeto que deu origem a este trabalho.

À Casa de Cultura Josué Montello, fonte inesgotável de pesquisa sobre a literatura maranhense, de onde saíram os textos que serviram de base para este trabalho.

À Professora Doutora Maria Eneida Matos Rosa, iniciadora do projeto que deu origem a este trabalho.

Ao professor Doutor Patrício Moreira, incentivador da produção acadêmica.

Sumário

Dados Biográficos	7
O Patrono Renegado	10
Tentativas Baldadas de um Retorno	17
Gosto pelos Sonetos	20
Um Mestre do Triolet	21
Fontoura: Entre a Forma e a Emoção	25
Referências	28
SONETOS	31
Mirra	32
Borghi Mano	33
Atração e Repulsão	34
Fruto Proibido	35
Celeste	36
Rastro de Amor	37
O Ninho	38
Beatriz	39
Consolação	40
Antes de Partir	41
Vácuo	42
Gazetinha	43
Súplica	44
O Retrato?	45
Despedida	46
Ohs! e Ais!	47
Memento	48
C'est Trop Fort	49
Aos Anos da Humanidade	50
Minha Musa	51
Ciúmes de Deus	52
Página Desconhecida	53

TRIOLETS	55
Triolet	56
A B. Lopes	57
A Uma Cubana	58
Idílios	60
Bilhete	62
O Bandolim da Senhorita	64
A Silvestre Lima	67
OUTRAS FORMAS	69
Raimundo Correia	70
Minha Musa	70
Quintilhas	71
Pomba Mansa	72
Estrelas	72
O Liceu	73
A Uma Menina	73
A Mão	74
Musa Carnavalesca	75
Gemma Cuniberti	77
Shoking	78
Sobre o Túmulo da Tragédia	80
Niágara Falls	81
Luz de Amor	83

DADOS BIOGRÁFICOS

Adelino da Fontoura Chaves¹, filho do senhor Antônio da Fontoura Chaves e da senhora Francisca Dias Fontoura, nasceu em Axixá no dia 30 de março de 1855². Há poucos e esparsos dados sobre sua vida. Sabe-se, no entanto, que muito cedo deixou sua cidade natal e se dirigiu à capital maranhense com o intuito de estudar teatro e trabalhar no comércio. No entanto, como observa Eli Behar, em seu livro *Vultos do Brasil*, o temperamento do rapaz “não se ajustava a essa profissão”.

Acompanhando os passos do amigo Artur Azevedo, Adelino Fontoura ingressou no jornalismo, “colaborando nos jornais *Folha Nova*, *O Combate*, *Gazeta da Tarde* e *Gazetinha*”, conforme comenta Jomar Moraes em seus *Apontamentos da Literatura Maranhense*

¹ Durante nossa pesquisa, encontramos o nome completo de Adelino Fontoura grafado de diversas maneiras. Optamos pelo mais recorrente entre os estudiosos e que está registrado no site da Academia Brasileira de Letras.

² Não há concordância entre os pesquisadores a respeito do ano de nascimento de Adelino Fontoura, o que lança dúvidas também sobre sua idade ao falecer. Alguns estudiosos dizem ter o poeta vivido 29 anos, outros afirmam que ele faleceu com apenas 24 anos de idade.

No campo teatral, AF entrou para a coleção de efemérides maranhenses sua breve atuação em uma peça na qual, bastante revoltado com o episódio julgamento contra Ana Rosa Ribeiro, a Baronesa de Grajaú, que fora levada a júri pelo promotor público, poeta e pesquisador Celso Magalhães, revolveu lembrar o episódio fazendo uma referência ao “anquilostomo”, doença inventada pela defesa para livrar a baronesa da cadeia. Mas, como informa o acadêmico e pesquisador literário Múcio Leão, “quando o espetáculo findou, indo ele sair do teatro, foi preso”. Esse foi possivelmente o motivo principal de o escritor haver deixado São Luís e mudar-se para o Rio de Janeiro.

Mas antes de seguir para o Rio de Janeiro, Adelino Fontoura teve também uma breve estada em Recife, onde, segundo atesta Clóvis Ramos, colaborou com o jornal satírico “Os Xênios”.

Em alguns depoimentos da época, autores renomados destacam as dificuldades de relacionamento de Adelino Fontoura com as pessoas. João Ribeiro descreve-o como “um sujeito de bom gosto nas letras, mas ignorante e talvez presumido”. Impressão parecida com a descrita por Aluísio Azevedo, que considerava Adelino Fontoura uma pessoa de grande talento, porém extremamente teimoso. O autor de *O Mulato* chega a afirmar que Fontoura era a pessoa mais cabeça dura que ele havia conhecido em toda a sua vida.

Vítima de uma laringite crônica, o poeta lutou contra a doença durante bastante tempo, sem muito resultado. Aconselhado por José do Patrocínio, o então proprietário do jornal no qual trabalhava, Adelino Fontoura buscou tratamento na França, para onde foi transferido como correspondente da Gazeta da Tarde. No primeiro dia do mês de maio de 1883, embarcou para a Europa para trabalhar e tentar encontrar a cura para sua enfermidade. Exatamente um ano e um dia depois de sua partida do Brasil, no dia 2 de maio de 1884, faleceu em um leito do Real Hospital São José, em Lisboa, onde estava internado. Segundo Tobias Pinheiro, os poucos bens do escritor foram enviados para suas irmãs, no Maranhão.

Mesmo escolhido por Luís Murat para ser o patrono cadeira número 1 da Academia Brasileira de Letras, Adelino Fontoura não é reconhecido como escritor por boa parte dos historiadores da literatura brasileira. O fato de não haver publicado seus trabalhos em livro, deixando-os esparsos em jornais e de não ter seus trabalhos divulgados nos círculos acadêmicos muito contribuiu para que ele permanecesse na literatura mais como uma curiosidade do que como um escritor de talento.

O PATRONO RENEGADO

Apesar de pouco conhecido pela maioria dos leitores, Adelino Fontoura é o patrono da cadeira número 1, da Academia Brasileira de Letras. A cadeira foi inaugurada por Luís Murat³, que escolheu o poeta maranhense como patrono da ABL. Atualmente, o assento é ocupado pela escritora Ana Maria Machado⁴. Os demais ocupantes da cadeira foram, pela ordem, Afonso d'Escragnoille Taunay⁵, Ivan Lins⁶, Bernardo Elis⁷ e Evandro Lins e Silva⁸.

Contudo, a condição de patrono dada a Adelino Fontoura jamais foi ponto pacífico entre os acadêmicos. Humberto de Campos, ao comentar sobre os patronos da ABL, diz que nem todos mereciam tal honraria e deixa

³ Político, jornalista, poeta e filósofo fluminense. Nasceu em 1861 e faleceu em 1929. Autor de *A Última Noite de Tiradentes*.

⁴ Nascida em 1941, é uma das mais importantes autoras de literatura infantil do Brasil e do mundo, além de ser também renomada romancista e ensaísta. Publicou, entre outros, *Palavra de Honra*.

⁵ Professor, tradutor, historiador e lexicógrafo catarinense. Nasceu em 1876 e faleceu em 1958. É autor de *História do Café no Brasil*.

⁶ Jornalista, professor, pensador e ensaísta mineiro. Nasceu em 1904 e faleceu em 1975. É autor de *Aspectos do Padre Antônio Vieira* e da *História do Positivismo no Brasil*.

⁷ Poeta, contista, romancista e professor goiano. Nasceu em 1915 e faleceu em 1997. Autor de *O Tronco*.

⁸ Jurista, advogado e professor piauiense. Nasceu em 1912 e faleceu em 2002. Autor de diversos trabalhos voltados para o campo jurídico.

claro que não concordava com a escolha feita por Murat. O autor de *O Monstro e Outros Contos* assim descreve seu olhar sobre Fontoura:

A sua relativa notoriedade e, toda, artificial, e procede, exclusivamente de sua condição de anjo da guarda de uma poltrona acadêmica. A sua obra é insignificante, quer no volume, que na substância. Limita-se, toda ela, a quinze sonetos, dos quais apenas dois realmente bem feitos, cinco quintilhas esquecidas e três ou quatro artigos medíocres, mais dignos de olvido piedoso que de lembrança entusiástica. (CAMPOS, 1960, 221).

Em seus discursos de posse, os novos imortais geralmente se referem aos patronos e antigos ocupantes da cadeira. No caso do assento patroneado por Adelino Fontoura, os próprios acadêmicos sentem dificuldade em falar sobre o poeta maranhense, que é um quase total desconhecido até mesmo dentro daquela instituição literária. Em sua cerimônia de posse, Ana Maria Machado chama a atenção para o fato de não poder aprofundar-se na explanação sobre o patrono da cadeira que a partir daquela data seria ocupada por ela. A escritora comentou que:

O patrono, escolhido por Murat, foi Adelino Fontoura. Quem? Pois é... Não encontrei quem, ao ouvir essa correção, identificasse o nome. De minha parte, confesso que também mal havia ouvido falar nele, vaga lembrança de algum poema numa antologia. Pois descobri coisas interessantes na

magnífica biblioteca desta nossa Academia, aliás aberta ao público para ser utilizada e fruída.

Ao suceder a Luís Murat, o historiador Afonso de Taunay deveria fazer também o elogio de Adelino Fontoura, o patrono desta cadeira. Não o conseguiu, por mais que fosse um homem afeito às pesquisas em documentos e arquivos, e diretor de museu. Limitou-se a fazer uma ironia disfarçada de modéstia, chegando a sugerir a criação de uma cadeira número zero para aqueles ilustríssimos desconhecidos que estivessem numa academia sem ao menos uma magríssima biografia, aqueles sobre os quais nada se descobre em fatigantes buscas em enciclopédias e dicionários literários, “nem a mais pequenina referência, contrariadora do seu como irremediável anonimato”. Realmente, nem Sílvio Romero, nem José Veríssimo, nem Ronald de Carvalho, os grandes críticos historiadores da nossa literatura até então, se referiram a Adelino Fontoura. Por maiores que fossem os méritos e esforços de Afonso de Taunay, o historiador não conseguiu elogiá-lo. Só graças a Múcio Leão, quando chegou a vez do ocupante seguinte, foi possível ir mais além e Ivan Lins pôde registrar que para Adelino Fontoura “a Academia tem sido, sem dúvida, o seguro de vida literária”. Essa observação se explica pelo fato de que é ele o único patrono da Academia que não deixou nenhum livro publicado, apenas poemas esparsos na imprensa e

uma impressão muito viva em seus contemporâneos. Morreu aos 25 anos, antes de romper o ineditismo.⁹

Antes de Ana Maria Machado, os demais acadêmicos também sentiram a mesma dificuldade em falar sobre Adelino Fontoura. O jurista e professor Evandro Lins e Silva fez em seu discurso um retrospecto do que foi disse pelos que o antecederam na Casa de Machado de Assis.

No livro do Centenário da Academia Josué Montello assinala que, na sua criação, prevaleceram os fatores de ordem cordial sobre os de ordem intelectual, tanto em relação aos seus fundadores quanto à escolha dos patronos das diversas Cadeiras. E frisa que Adelino Fontoura foi um dos beneficiários desse “critério afetivo”, apesar de seus “escassos méritos intelectuais”.

Afonso Taunay, sucessor de Luís Murat, não lhe encontrou obra ou atividade que pudesse justificar um comentário a seu respeito. Ivan Lins, no discurso de posse, sucedendo a Afonso Taunay, principia a sua fala com ironia, invocando observação de Afrânio Peixoto, segundo a qual pessoas como Adelino Fontoura se têm valido da Academia como um seguro de vida literária, que lhe garante a imortalidade: “Não fosse ele o patrono da Cadeira nº 1, ninguém saberia nem mesmo da sua existência”.

⁹ O discurso de Ana Maria Machado pode ser lido na íntegra na página eletrônica de ABL, cujo endereço é: <http://www.academia.org.br>

O espírito pesquisador de Ivan Lins fê-lo descobrir dados pessoais e quase toda a produção literária de Adelino, por intermédio de Múcio Leão, que honrou uma das Cadeiras, de 1934 a 1969, e foi presidente da Academia em 1944. Ficou apurado que o patrono da Cadeira no 1 nasceu no Maranhão, em 1859, veio para o Rio de Janeiro aos 20 anos, era amigo de infância de Artur Azevedo, trabalhou no comércio e se iniciou na imprensa no jornal O Combate, de Lopes Trovão, consagrado à propaganda republicana. Depois, a convite de Ferreira Menezes, que muito o apreciava, passou a trabalhar na redação da Gazeta da Tarde, e “foi aí que desabrochou plenamente o incontestável talento de Adelino”. Ivan Lins ainda informa que ele publicou em O Combate o terceiro capítulo de O imbróglios, romance que seria escrito por 20 autores, e cujos Capítulos 1 e 2 já haviam saído antes, da autoria de Araripe Júnior e José do Patrocínio.

João Ribeiro, que o conheceu, diz que ele lhe dava a impressão de “um sujeito de bom gosto nas letras, mas ignorante e talvez presumido”.

Ivan Lins ainda transcreve a opinião de Aluísio Azevedo sobre o patrono da Cadeira que hoje passo a ocupar, na qual o perfil de Adelino Fontoura é apresentado como um grande espírito de contradição:

Ele deixa transparecer o seu talento, porque supõe que com isso desagrada. No dia em que se convencesse que o desejavam inteligente ele se fingiria estúpido. Tudo, menos concordar com a opinião pública! Entretanto, quer ele queira, quer não queira, há de ser fatalmente um talento de primeira mão. Mas o seu

talento vê uma légua adiante da sua instrução. Fontoura o que possui não vem de fora, vem de dentro. Tirem-lhe o grande espírito original, que constitui a sua individualidade artística, e ele ficará reduzido a um tipo rabugento e vulgar. Com um pouco de trabalho poderia ser uma das rodas principais da geração antipática ao Sr. Sílvio Romero, mas Fontoura aborrece o trabalho de paciência e deixa que o talento vague a seu bel-prazer. Adora o Ramalho Ortigão e tem 23 anos incompletos. Sabe fazer versos, e, quando alguém o desagrada, ele ataca seis adjetivos e oito advérbios explosivos, que atordoam o adversário. De resto, um caráter perfeito. Tem garras ferinas no estilo, mas penugens angélicas no coração. Uma mulher dificilmente o amaria, porém qualquer criança o adora.

Adelino Fontoura morreu tuberculoso aos 25 anos de idade e, segundo o discurso de Ivan Lins, é o único patrono da Academia que não deixou nenhum livro publicado, e só pelo depoimento dos que com ele conviveram se pode ajuizar do seu valor.

O certo é que Adelino Fontoura causou uma forte impressão, por seu talento pessoal, junto à intelectualidade do seu tempo, o que atenua, de certo modo, a estranheza por sua escolha para patrono da cadeira no 1. Ele devia estar atravessando uma aura popular no momento em que Luís Murat indicou o seu nome. É o que se pode razoavelmente presumir. Decerto, a razão do coração deve ter prevalecido, porque ele, embora bom poeta, não tinha a nomeada, a obra ou o prestígio intelectual exigível para ser

padroeiro de uma curul¹⁰ da Academia. Murat deixou-se influenciar pelo sentimento. A escolha de Adelino Fontoura era mais uma homenagem do que o reconhecimento das qualidades excepcionais que todos imaginam deversem ornar a personalidade de um patrono.¹¹

Inconformado com a pouca notoriedade de Adelino Fontoura e de outros patronos da Academia no âmbito literário, Humberto de Campos chegou a sugerir que a ABL alterasse a indicação de alguns patronos por escritores de maior expressividade, propondo para o lugar de Adelino Fontoura o nome de Manuel Odorico Mendes¹².

Porém, mesmo sem ter obras publicadas em vida e sem ser reconhecido como escritor de qualidade, Fontoura continua sendo o patrono da primeira cadeira da Academia.

¹⁰ Cadeira de marfim que era geralmente usada por Magistrados ou altas autoridades

¹¹ O Discurso completo de Evandro Lins e Silva também está disponível em <http://www.academia.org.br>

¹² Poeta e tradutor maranhense. Autor de *Hino à Tarde*.

TENTATIVAS BALDADAS DE UM RETORNO

Adelino Fontoura é um nome quase desconhecido dentro da historiografia literária brasileira. Poucos são os estudos que pelo menos tocam em seu nome e mais reduzido ainda é o número de trabalhos específicos destinados ao estudo de seus poemas.

Múcio Leão e Tobias Pinheiro comentam que houve várias tentativas infrutíferas de trazer à tona a escassa obra do poeta maranhense. Segundo os pesquisadores, o primeiro a tentar ressuscitar a obra de Fontoura foi Artur Azevedo, amigo do poeta, que tentou reunir os trabalhos do recentemente falecido Fontoura. Mais tarde, em 1904, Coelho Neto, em parceria com Alberto Faria e depois sozinho, em um antológico artigo intitulado “*Um apelo*” também tentou resgatar os trabalhos do autor de “Celeste”, mas sem sucesso. Escragnolle Dória foi outro estudioso que tentou mostrar o valor do poeta de Axixá, mas o trabalho não foi publicado. Anos depois foi a vez de Luís Murat se encarregar de organizar os poemas de Fontoura que lhe foram entregues por Alberto de Oliveira. Com a morte de Murat, o trabalho ficou perdido.

No entanto, há também outras tentativas que vieram à lume, como é o caso do volume “*Dispersos*”, organizado por Múcio Leão e publicado em 1955, sob os

auspícios da Academia Brasileira de Letras. Em 1967, Jerônimo de Viveiros publicou o pequeno, mas consistente volume intitulado “*A ficha de Adelino Fontoura na Academia*”, um trabalho essencial para compreender a vida e a obra desse esquecido poeta maranhense. Dez anos depois, o pesquisador literário Clóvis Ramos deu continuidade ao trabalho de Jerônimo de Viveiros ao publicar “*Alma de Fogo – Adelino Fontoura, poeta ator e jornalista*”, no qual analisa diversos poemas e tenta encaixar o autor na periodologia literária brasileira. No entanto nenhum desses trabalhos conseguiu dar notabilidade ao poeta maranhense.

Mesmo sem figurar entre os grandes nomes das letras brasileiras, vez ou outra o nome de Adelino Fontoura é lembrando em alguns trabalhos de cunho acadêmico, como veremos a seguir.

Em seu livro dedicado ao estudo do Realismo no Brasil, o professor Massaud Moisés diz ser Adelino Fontoura um autor parcialmente identificado com a escola parnasiana, mas também dono de um lirismo romântico e de uma correção gramatical provavelmente reflexo de leitura de textos de Camões. João Cruz Costa, colaborador de Massaud Moisés na elaboração do “*Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira*” acrescenta que o autor de “Despedida” cultuava exageradamente o soneto, filiando-se ao Parnasianismo, sem, no entanto, deixar de pôr elementos satíricos em sua obra poética.

Jomar Moraes, em seus “*Apontamentos da Literatura Maranhense*” comenta que Adelino Fontoura deixou uma obra pequena e sem importância para a poesia brasileira, mas admite que poeta era talentoso e que poderia deixar contribuições mais importantes para as letras brasileiras. Por outro lado, Tobias Pinheiro, em um breve artigo dedicado ao poeta, considera Adelino Fontoura um grande poeta e destaca poemas como “*Atração e Repulsão*” e “*Celeste*” como textos exemplares dentro da produção literária brasileira. Para Clóvis Ramos, que se dedicou bastante aos estudos da poesia maranhense, a poesia de Adelino Fontoura é romântica, com “versos de grande singeleza, de muita espontaneidade” (RAMOS, 1973, p 90)

Humberto de Campos, em um de seus textos voltados para a crítica literária brasileira não identificava em Fontoura os méritos necessários para que ele figurasse entre os patronos da Academia Brasileira de Letras. Julgamento esse que é compartilhado também por Jomar Moraes, que, apesar dessa opinião, as entrelinhas, reconhece o talento do poeta e publicou também alguns artigos em jornais sobre a vida e a obra de Fontoura, e Frederico Reis Coutinho, que, apesar de colocar o soneto “Beatriz” entre os mais belos poemas da língua portuguesa, não deixa de ressaltar que “uns poucos poemas compostos em hora de feliz inspiração têm salvado do olvido mais de um nome de poeta. (...) Adelino Fontoura teria tanto mais depressa olvidado

quanto é um escritor que nenhuma obra deixou” (COUTINHO, 1962, p. 241)

Mais recentemente, o pesquisador Israel Souza Lima traçou o perfil dos patronos da Academia Brasileira de Letras e fez um levantamento da vida e da obra de Adelino Fontoura, mas isso não foi o suficiente para tirar do limbo literário o esquecido poeta maranhense.

GOSTO PELOS SONETOS

Embora Humberto de Campos tenha escrito que, dos sonetos de Adelino Fontoura, apenas dois eram bem escritos, o poeta inédito em livro conquistou bastante popularidade durante sua breve passagem pela vida. Diversas informações dão conta de que os poemas de AF eram recitados nos saraus de São Luís e em outras cidades brasileiras, sempre com boa aceitação.

Poeta que pode ser filiado ao Parnasianismo por conta de seu rigor formal, Fontoura, assim como tantos outros escritores de sua geração era obcecado pela forma fixa do soneto, embora nem sempre tenha conseguido encontrar as melhores soluções para os versos iniciados. De modo geral, os sonetos de Adelino Fontoura agradam mais pelo conteúdo, que quase sempre traz uma carga

emotiva, do que pela busca de uma perfeição formal e vernacular, como acontecia com Olavo Bilac, Raimundo Corrêa e Alberto de Oliveira.

UM MESTRE DO TRIOLET

Não é difícil encontrar um poeta que já tenha enveredado pelos caminhos de um soneto e tentado pôr todas as suas ideias nos catorze versos que compõem o poema. Mas não é comum encontrar entre os poetas brasileiros quem tenha se dedicado a produzir triolets, que em português é chamado na teoria literária também de triolé ou trioletto.

O professor Hênio Tavares, em seu conhecido livro *Teoria Literária*, explica que triolé:

É também um poema de forma fixa, que se caracteriza pela repetição de alguns versos.

- a) Estrutura estrófica: uma ou mais oitavas.
- b) Estrutura métrica: heptassílabo ou octossílabo.
- c) Repetição dos versos: o 1º repete-se como 4º e os dois primeiros finalizam a estrofe, isto é, ficam sendo o 7º e o 8º.

Como exemplo desse tipo de composição, o teórico cita Machado de Assis e Adelino Fontoura.

O poeta maranhense, apreciador da obra de Raimundo Correa e de outros poetas parnasianos, cultivou, como já foi dito anteriormente, o nível formal dos poemas, burilando seus textos e impondo certo rigor formal a seus versos.

O triolet, um poema de forma fixa aparentemente de fácil composição, foi uma de suas estruturas preferidas. Mas apesar de aparentar leveza e de desencadear a musicalidade no texto, essa estrutura exige bastante perícia do poeta, que, com poucos versos, tem que traduzir toda a sua ideia em um texto ao mesmo tempo melodioso, sintético, claro e repetitivo. Às vezes, uma circunstância aparentemente fortuita, que poderia vir expressa em forma de mero recado ou de bilhete, ganha uma dimensão poética, como por exemplo, o casamento do poeta Xavier Carvalho, evento para o qual, aparentemente, Adelino Fontoura não havia sido convidado. Apesar de constantemente lembrar que não havia recebido o cartão (convite formal), o autor dos versos não deixa de felicitar o novo casal, conforme podemos ver nas estrofes iniciais do poema:

Sei que casaste, poeta,
Mas não tive o teu cartão.
Por ter lido na “Gazeta”
Sei que casaste, poeta,
E, como manda a etiqueta,
Eu venho apertar-te a mão.
Sei que casaste, poeta,

Mas não tive o teu cartão.

(...)

Dou parabéns à tua Musa
Por esse bem que te fez;
Embora em frase confusa,
Dou parabéns à tua musa
Deixaste a capa andaluza,
Tomaste o fraque burguês.
Dou parabéns à tua musa
Por esse bem que te fez.

Com pode ser visto, a repetição estratégica dos versos confere musicalidade ao poema e ao mesmo tempo destaca os pontos principais da ideia: a notícia do casamento e os parabéns à esposa.

O ritmo cadenciado dessa forma poética propicia também que o texto ganhe em sensualidade sem descambar para o baixo nível. Sabendo utilizar muito bem o ritmo inerente à mensagem que é transmitida, AF consegue trabalhar elementos comparativos e sinestésicos ao mesmo tempo, como no poema abaixo, no qual os beijos são ao mesmo tempo doces, palpitam e têm perfume.

Teus beijos, mulher bonita,
São doces como o luar!
Têm um perfume que excita
Teus beijos, mulher bonita
Palpitam como palpita
Um pombo cortando o ar...

Teus beijos, mulher bonita,
São doces como o luar!

Ainda com relação à sensualidade, há um exemplo bastante eloquente no grupo de poemas dedicados a uma cubana, que, segundo alguns estudiosos do autor, tratava-se de uma bela conterrânea a quem conhecera em determinada ocasião.

Há filtros mornos, profundos,
Nos teus lábios sensuais;
E nos teus seios – dois mundos
Há filtros mornos, profundos.
São dois poemas fecundos
Teus olhos, meus ideais!
Há filtros mornos, profundos,
Nos teus lábios sensuais!

(...)

Ai! dá-me a volúpia ardente,
O gozo intenso, a paixão!
Sobre o teu colo, dormente,
Ai! dá-me a volúpia ardente,
Minha morena indolente,
Meu amor! meu coração!
Ai! dá-me a volúpia ardente,
O gozo intenso, a paixão!

De um modo geral, Adelino Fontoura demonstrava um grande pendor para trabalhar a forma repetitiva do triolet temperando seus poemas com o

ardor da sensualidade, gotas perfumadas da paixão romântica e o rigor formal exigido pelo ambiente parnasiano no qual estava envolvido. Pode-se inclusive observar que o poeta maranhense se saía bem melhor na construção de triolets que na elaboração de sonetos.

FONTOURA: ENTRE A FORMA E A EMOÇÃO

A literatura brasileira sempre pareceu revelar um momento de negação, e com o Romantismo não foi diferente, pois é naquele momento que o homem, numa tentativa revolucionária, buscou encontrar o seu lugar no mundo. Portanto como nos diz Luís Roncari (2002) “o Romantismo se localiza justamente no ponto de trânsito de um mundo para o outro, no momento de consolidação de valores, burgueses e capitalistas”. Nesse sentido, essa iniciativa se coadunava muito bem com uma atitude nacional, individual e, sobretudo subjetiva. Partindo das postulações de Antonio Candido (2009), “individualismo e relativismo podem ser considerados a base da atitude romântica, em contraste com a tendência racionalista para o geral e o absoluto”.

Enquanto para o Parnasianismo, o valor da obra consiste nela própria, valoriza-se a racionalidade, objetividade, rimas perfeitas e valorização do soneto, no Romantismo imperava a carga emocional. Parnasianos, portanto, são contrários aos românticos e concebem o fazer poético de forma diferente, estes como inspiração; aqueles como trabalho de arte.

Há, portanto, no percurso literário de Adelino Fontoura traços que o une ao Romantismo, como a presença de uma sensibilidade acentuada, e tentativas de superar o vazio deixado no mundo, que só pode se revelar como imperfeito e inacabado. E mais uma vez, trazemos as postulações de Roncari, quando diz que “os temas escolhidos pelos românticos dificilmente são plácidos e tranquilos, antes são temas fortes, chocantes e comoventes.” E ao Parnasianismo como a queda de conceitos pretensamente universalizantes, pautados na razão, buscando sempre a perfeição.

Dessa forma, o sentimentalismo parece nortear algumas poesias do escritor, na medida em que o eu lírico faz questão de expressar seu estado de amor. E em sua obra a mulher está envolta numa atmosfera de mistério e que a consequência da perda do amor dessa mulher é o sofrimento, como podemos constatar na poesia *Fruto Proibido*:
Longe de ti, sereno e resoluto,/ Irei morrer, misérrimo, esquecido,/ Mas hei de amar-te sempre, anjo impoluto.

É possível visualizar ainda a idealização da mulher, essa é vista como inacessível, uma espécie de santa em *Celeste* “Tem a celeste e ingênua formosura/ E a luminosa auréola, sacrossanta/ De uma visão do céu, cândida e pura/ E quando os olhos para o céu levanta,/

Inundados de mística doçura,/ Nem parece mulher – parece santa”. E mais uma vez em *Súplica* “Ilumina com teu divino olhar/ Esta alma que os teus pés, anjo dileto”. Adelino Fontoura apresenta uma poesia confessional, assinalada por sentimentos claramente românticos: anseio, pesar, angústia, saudade e melancolia em *Consolação*: “Longe de ti, ó meu amor, não vivo!/ Eu morro só de amar-te e de querer-te,/ E mal sabes as lágrimas que verte/ Meu triste coração contemplativo!”.

A melancolia parece percorrer toda a poesia de Adelino Fontoura, segundo as postulações de Freud em seu ensaio “luto e melancolia” de (1999), aquela se apresenta com “um desânimo profundamente penoso, a cessão de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de interesse de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de auto-estima [...]”. Pois é aqui que o eu lírico iguala a perda do amor com a morte física em *Minha Musa*:

Minha musa pensativa,
Meu deleite e minha dor!
Morro!... pois foges esquiva,
Minha musa pensativa,
Aí! Não me peças que eu viva,
Vivendo sem teu amor!
Minha musa pensativa,
Meu deleite e minha dor!

No entanto, não esse sentimentalismo é quase sempre contido e controlado pelo desejo de cultivar a mais a forma da poesia do que a essência poética. Fontoura quase sempre

REFERÊNCIAS

- BEHAR, Eli. *Vultos do Brasil*. São Paulo: Hemus, s/d.
- CAMPOS, Humberto de. *Crítica* – 3ª série. Rio de Janeiro: Jackson, 1960.
- CANDIDO, Antônio. *A Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1999.
- COSTA, João Cruz. *Adelino Fontoura*. In: MOISÉS, Massaud. *Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira*. 7ed. atual. São Paulo: Cultrix, 2008.
- COUTINHO, Frederico dos Reis (org.) *As mais belas poesias brasileiras de amor*. 7ed. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi, 1962.
- FONTOURA, Adelino. *Dispersos*. (org. de Múcio Leão). Rio de Janeiro: ABL, 1955.
- LIMA, Israel Sousa Lima. *Biobibliografia dos Patronos: Adelino Fontoura e Álvares de Azevedo*. Rio de Janeiro: ABL, 1997.
- LEÃO, Múcio. *Adelino Fontoura*. In: FONTOURA, Adelino. *Dispersos*. (org. de Múcio Leão). Rio de Janeiro: ABL, 1955.
- MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira – Realismo*. São Paulo: Cultrix, 1985.
- MORAES, Jomar. *Apontamentos da Literatura Maranhense*. 2ed. aum. São Luís: SIOGE, 1977.
- PINHEIRO, Tobias. *Adelino Fontoura: poeta e jornalista*. In: *Literatura: Revista do Escritor Brasileiro*. Nº 21. Brasília: Tesaurus Editora, 2001. p. 30-33.

RAMOS, Clóvis. *Alma de Fogo – Adelino Fontoura, poeta ator e jornalista*. São Luís: SIOGE, 1977.

_____. *Nosso céu tem mais estrelas: 140 anos de literatura maranhense*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1973.

RONCARI, Luiz. *Literatura Brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos*. São Paulo: Edusp, 1995

TAVARES, Hênio. *Teoria Literária*. 11ed. Belo Horizonte: Villa Rica, 1996.

VIVEIROS, Jerônimo. *A ficha de Adelino Fontoura na Academia*. São Luís: Departamento de Cultura do Estado, 1967.

SONETOS

MIRRA

Nossa vida ao meu íntimo sugere
O episódio da página dantesca:
És a dolente e pálida Francesca
Que meus cantos de amor, triste, desfere.

Possuis como a heroína de Allighieri
Uma altiva beleza principesca.
És nervosa, vibrante e romanesca
E só te falta um pouco “savoir faire”.

Por isso, ao ver-te a sós, contemplativa,
O Dante aberto ao colo, cismativa,
Nos profundos crepúsculos da tarde,

Eu sinto que me enlaça este dilema:
- Ou plagiar o mágico poema,
Ou morrer a teus pés como um cobarde.

Rio, 1882

BORGHI MANO

Ao doce timbre harmonioso e brando
Da tua voz, ó alma enamorada,
Sinto minha alma em sonhos embalada
E como que eu também fico sonhando!

Como agitava o vento, perpassando,
A harpa eólia no salgueiro alada,
Tal me agita essa voz apaixonada
Quando, ó ave de amor, surges cantando.

Ouvir-te é como ver nascer a aurora:
Tudo inunda de luz, tudo ilumina
A tua voz angélica e sonora.

Solta, pois, a volata peregrina!
Ama, geme, soluça, canta e chora,
Celeste Aida, Malibran divina!

Rio, 1882

ATRAÇÃO E REPULSÃO

Eu nada mais sonhava nem queria
Que de ti não viesse, ou não falasse;
E como a ti te amei, que alguém te amasse,
Coisa incrível até me parecia.

Uma estrela mais lúcida eu não via
Que nesta vida os passos me guiasse,
E tinha fé, cuidando que encontrasse,
Após tanta amargura, uma alegria.

Mas tão cedo extinguieste este risonho,
Este encantado e deleitoso engano,
Que o bem que achar supus, já não suponho.

Vejo, enfim, que és um peito desumano;
Se fui té junto a ti de sonho em sonho,
Voltei de desengano em desengano.

FRUTO PROIBIDO

Escravo dessa angélica meiguice
Por uma lei fatal, como um castigo,
Não abrigara tanta dor comigo,
Se este afeto que sinto não sentisse.

Que te não doe, entanto, isto que digo
Nem as magoadas falas que te disse.
Não tas dissera nunca, se não visse
Que por dizê-las minha dor mitigo.

Longe de ti, sereno e resoluto,
Irei morrer, misérrimo, esquecido,
Mas hei de amar-te sempre, anjo impoluto.

És para mim o fruto proibido:
Não pousarei meus lábios nesse fruto,
Mas morrerei sem nunca ter vivido.

CELESTE

É tão divina a mágica aparência
E a graça que ilumina o rosto dela,
Que eu concebera a imagem da inocência
Nessa criança imaculada e bela.

Peregrina do céu, pálida estrela,
Exilada da etérea transparência,
Sua origem não pode ser aquela,
Da nossa triste e mísera existência.

Tem a celeste e ingênua formosura
E a luminosa auréola, sacrossanta
De uma visão do céu, cândida e pura.

E quando os olhos para o céu levanta,
Inundados de mística doçura,
Nem parece mulher – parece santa.

RASTRO DE AMOR

Vasos de ouro, tapetes, luzes, flores,
Porcelanas, espelhos de Veneza,
Essências, pedrarias de mil cores,
Tudo resplende aos brilhos da riqueza.

Mas, de repente, arcanjo de pureza,
Ao tom da festa, em meio dos fulgores,
Tu surges no salão e a singeleza
Do teu vulto é maior que a os esplendores.

Passas sorrindo, tímida, inocente,
E eu te acompanho o passo enamorado,
Com longo olhar, apaixonadamente.

Depois desapareces; mas, calado,
Meu espírito segue, inconsciente,
O teu sonoro rastro perfumado.

O NINHO

És como a doce juriti da mata,
Ligeira, esquiva, tímida e medrosa:
Foges de mim tremente e suspirosa
Como quem de um perigo se recata.

Mas não sei, afinal, criança ingrata,
Porque foges; não sei porque, amorosa,
Tu'alma costa, angélica e bondosa
Com tão dura esquivança me maltrata.

Abre as asas à luz serenamente
E vem, fugindo aos gelos do deserto,
Buscar o sol do meu amor ardente.

Dirige para mim teu voo incerto.
Pois tens meu coração, pomba inocente,
Como tépido ninho sempre aberto.

BEATRIZ

Beatriz, Beatriz, sombra querida,
Branca visão que em toda a parte vejo,
És a ventura única que almejo,
Que outra igual me não fora concedida.

Meu amor, minha crença e minha vida,
Todo o bem com que sonho e que antevejo,
Tudo o que aspiro e tudo que desejo,
A ti te devo, ó alma comovida!

Do meu amor não saibas, todavia;
Pois se igual amor te não mereço,
Antes quero cuidar que o merecia.

Sucumbirei à dor de que padeço;
Se tal fraqueza chamam cobardia,
Eu serei um cobarde por tal preço!

CONSOLAÇÃO

Basta fitar teu rosto pensativo,
Basta pensar em ti, ou basta ver-te,
Esta tristeza horrível se converte
Logo em doirado cântico festivo.

Longe de ti, ó meu amor, não vivo!
Eu morro só de amar-te e de querer-te,
E mal sabes as lágrimas que verte
Meu triste coração contemplativo!

Mas, quando eu meu olhar brinca e cintila
O teu piedoso olhar – todo alegria –
Minh'alma, – alado pássaro – pipila.

E não me punge então esta agonia
Esta dúvida atroz que me aniquila,
Este correr atrás de uma utopia.

ANTES DE PARTIR

Venho ensopar de lágrimas o lenço
No tristíssimo adeus de despedida;
Em breve a Pátria vou deixar perdida
Além – na curva do horizonte imenso!

Em breve sobre o mar profundo e extenso
Adejará minh'alma dolorida,
Como a gaivota errante, foragida,
Sem ter um ninho onde pousar, suspenso!

Então, senhora, hei de pensar, tristonho,
Revendo a vossa angélica bondade,
Neste ninho de amor calmo e risonho;

E triste, sobre a triste imensidade,
Como quem despertou de um ledó sonho,
Hei de chorar o pranto da saudade.

VÁCUO

Não sei se pode haver padecimento
Mais profundo, mais íntimo e que tanto
Nos ponha na alma a dor que gera o pranto,
Do que um longo e tristonho isolamento.

Não ter um bem sequer no pensamento,
Nem o calor de um lar, nem o encanto
De um amor de mulher suave e santo,
É viver sem nenhum contentamento.

Bem sei que é bom sofrer, e me parece
Que esta vida sem dor nada seria,
E que é por isso até que se parece.

Mas esta solidão contínua e fria
Chega a ser tão cruel, que a não merece
Um coração que a dor mereceria.

GAZETINHA

(No dia do seu primeiro aniversário)

Eu não venho trazer a vossa excelência
Um fantástico mimo “high-lifeano”;
Possuo um coração meridiano,
Mas não vivo nas pompas da Regência.

Porém, se eu fosse um príncipe indiano,
De sangue azul e antiga descendência,
Possuindo a Golconda, essa opulência,
E os tesouros do Índico Oceano.

Nessas pequenas mãos, tímido e mudo,
Minha senhora, eu deporia tudo...
Como os brilhantes de um calor, dispersos!

Mas... se sou pobre, o que tão mal me fica,
Consinta que, sem luvas de pelica,
Venha depor-lhe aos pés estes meus versos.

4 de maio de 1882.

SÚPLICA

Por mais que aspire ou queira, anele ou tente
Esquecer-me de ti – jamais me esqueço,
Ó bem amado ser por quem padeço,
Por quem tanto soluço inutilmente!

Bem que eu te peça, foges de repente,
E só me fica a dor que te não peço;
E eis tudo, ó céus! eis tudo o que eu mereço,
Em paga deste amor tão puro e crente.

Se te não move, pois, um desafeto
E se te apraz ao menos consolar
A desventura amarga deste afeto.

Ilumina com teu divino olhar
Esta alma que os teus pés, anjo dileto,
Vem, banhada de lágrimas, beijar.

O RETRATO?

Vou fazer-te, leitor, o seu retrato:
— É pálida, gentil, encantadora,
tem a doce atração fascinadora
das cristalinas águas dum regato.

O *chic* do dizer nervoso inato
tive-o voz vibrante, sedutora,
brilham nessa loquaz criança loura
a graça, a distinção, o fino trato.

É olhá-la uma vez e sentir presa
a vontade ao seu todo de burguesa
que conversa em francês e sabe história.

Mas o reverso da medalha espanta.
Tangendo o violão, lânguida, canta:
— Quis debalde varrer-te da memória!

DESPEDIDA

Pois que é chegada finalmente a hora
Do triste afastamento e da provança,
Venho dizer-te adeus, gentil criança,
Venho dizer-te adeus, pois vou-me embora.

Morreu em mim a última esperança.
Bem como um sonho bom que se evapora;
Não sei que dor maior que resta agora
Sofrer, nem que maior desesperança.

Não sei, ó sorte mísera e nefasta,
Que assim me arrancas do seu lar querido.
Que assim me roubas sua imagem casta

Bem vês que eu tenho o coração partido
E te peio, inda assim, não desengasta
Um soluço, uma lágrima, um gemido.

OHS! E AIS!

Essa mulher que tanto ohs! provoca,
Essa mulher que tanto ais! arranca,
Essa mulher quem é? Por que abre a boca
O Silvestre¹³ guando a vê? – é branca?

É morena? É francesa? É carioca?
As belezas helênicas desbanca?
O seu olhar os cérebros desloca?
O seu sorriso as lágrimas estanca?

Vamos, Raimundo¹⁴, tu que viste há dias
A mágica visão, o ser terrestre,
Por quem já deste uns ais! e uns ohs! eu sinto,

Tira as garras da dúvida ao Matias¹⁵
Faze valsar o Lins¹⁶, rir o Silvestre
E reler os “Subsídios” o Filinto¹⁷.

¹³ Silvestre de Lima

¹⁴ Raimundo Corrêa

¹⁵ Matias Carvalho

¹⁶ Lins de Albuquerque

¹⁷ Filinto de Almeida

MEMENTO

A Raimundo Correa

Era um piano de Erard que as lânguidas volatas
Chorava tristemente, em tom sentimental.
A velha inspiração e as músicas baratas
Vertiam-lhe ao teclado a lágrima ideal.

E vivia a tossir de um modo gutural
Romanzas e canções, duetos e balatas,
Árias... e “tutti quanti” existe de banal
Nas “Lúcias”, nos “Romeus, nas doces Traviatas.

À noite, nos saraus, estropiava shottischs
E valsas de Metrá, e moles havaneiras.
Não tocava Mozart nem tocava “Huguenotes”.

Este velho piano, este trate vetusto,
Ao ouvir de Boito, um dia, as pulsações austeras,
Morreu palidamente e creio que de – susto!

C'EST TROP FORT¹⁸

Findara a contradança. Um pálido galã
Um mísero Antony, de claqué e de lorgnon,
Tetê-à-tête amoroso, em linguagem de tom,
Mil coisas diz ao par – dum lúbrico Satã.

Ela, que estuda à noite os livros de Ponson,
A filha do high-live, ativa e cortesã,
Finge escutar, atenta, o reles D. Juan,
O singular Proteu, o miserável clown

Por fim, sobre uma larga e pálida otomana.
Àquelas expansões de uma paixão tirana,
A lânguida gentil prostrou-se a ressonar.

Ele, que ao vê-la assim, alucinado, pasma,
Atônito, febril – qual lívido fantasma –
Retira-se nervoso, irado... e vai cear!

¹⁸ É muito forte, em francês.

AOS ANOS DA HUMANIDADE

Um ano!... Mais um ano, ó velha humanidade
E uma ruga mais na face secular!
Já perdeste o vigor da tua mocidade,
‘Stás ficando, carcaça, estúpida e vulgar!

E não morres! E vais em doido caminhar!
Que procuras além, na tua eternidade?
Já não tens coração, não podes mais gozar
As novas sensações, decrépita entidade!

Esquálida, amanhã, mendiga, esfarrapada,
Dos séculos na longa e tenebrosa estrada,
Estenderás a mão e pedirás esmola.

Todavia já foste uma alegre coquette
Quando, trabalhadeira, honesta, e sem toilette,
Andavas a aprender gramática na escola!

1º de janeiro de 1881.

MINHA MUSA

Débil, pálida, franzina,
E sofrendo de histerismo,
De mim que queres, maligna
Supuração do lirismo?

- Amar-te?! Que triste sina!
A que insondável abismo
De fantástico cinismo
Não cairia, imagina!

Ó musa estéril, doente,
Aristocraticamente
Repito: não me persigas!

Tu tens apenas o vício,
Eu,porém, já tenho ofício
Não vivo mais de cantigas.

CIÚMES DE DEUS

Há nas pupilas de teus olhos vagos
Onde a tristeza lívida de impressa
Prenúncios de um suplício que começa,
Tantálico, fatal, cheio de estragos.

Envolto em tenebrosa bruma espessa
Tua alma jaz em místicos letargos,
Insensível aos mágicos afagos
De um amor que te roube “morbidez”

As solidões funéreas, tumulares,
A rosa, a voz solene dos levitas
Curvam-te ao supendêneo dos altares.

E aís, sob as abóbadas escuras
Esqueces-te no mundo, onde me evitas
Por um rival – o Deus das Escrituras

PÁGINA DESCONHECIDA

À brisa, ao sol, à serra, à flor Silvestre
Ao ribeiro que corre cristalino,
Ao canto alegre e doce, matutino,
Das aventuras no arvoredo agreste;

À campina que do orvalho a manhã veste,
Eu, sem de Homero for o alto destino,
Um conto fui pedir áureo, divino,
Radiante dessa luz alva e celeste!

Com ele ornar quisera, alegremente,
O teu álbum mimoso – onde o talento
Do teu gênio se curva a foto ingente;

Mas, não tenho de Dante o pensamento,
Não acho inspiração na luz fulgente
Pra um canto te ofertar com sentimento.

TRIOLETS

TRIOLET¹⁹

Teus beijos, mulher bonita,
São doces como o luar!
Têm um perfume que excita
Teus beijos, mulher bonita
Palpitam como palpita
Um pombo cortando o ar...
Teus beijos, mulher bonita,
São doces como o luar!

¹⁹ TRIOLET/ TRIOLÉ/TRIOLETO – Tipo de poema formado por uma estrofe de oito versos. O primeiro, quarto e sétimo versos são idênticos, assim como o segundo e o oitavo, compondo os dois primeiros e os dois últimos versos iguais.

A B. LOPES

Na tela frágil dos “cromos”
Quantas mimosas quimeras!
Meu Deus! Que doirados pomos
Na tela frágil dos Cromos!
Os sábios em muitos tomos
Não sobem tanto às esferas.
Na tela dos “Cromos”,
Quantas mimosas quimeras.

A UMA CUBANA

Tu tens nos olhos, morena,
Brilhos de estranho fulgor!
O fogo da madrilena
Tu tens nos olhos, morena,
Ai! Não me abrases, tem pena
De mim que te tenho amor,
Tu tens nos olhos morena,
Brilhos de estranho fulgor!...

Teus lábios desfolham risos,
Teus risos podem matar
Como anelos indecisos,
Teus lábios desfolham risos!
Que encantados paraísos
Eles não fazem sonhar!
Teus lábios desfolham risos,
Teus risos podem matar.

Há filtros mornos, profundos,
Nos teus lábios sensuais;
E nos teus seios – dois mundos
Há filtros mornos, profundos.
São dois poemas fecundos
Teus olhos, meus ideais!
Há filtros mornos, profundos,
Nos teus lábios sensuais!

Oh! deslumbrante cubana,
Filha da luz tropical! ...
Sê no amor italiana,
Oh! deslumbrante cubana!
Apaga esta febre insana,
Este amor meridional!
Oh! deslumbrante cubana,
Filha da luz tropical! ...

Ai! dá-me a volúpia ardente,
O gozo intenso, a paixão!
Sobre o teu colo, dormente,
Ai! dá-me a volúpia ardente,
Minha morena indolente,
Meu amor! meu coração!
Ai! dá-me a volúpia ardente,
O gozo intenso, a paixão!

Junho, 1882.

IDÍLIOS

Vão meus sonhos erradios
Buscando aladas paragens...
Pelos páramos vazios
Vão meus sonhos erradios,
Bando de pombos bravios,
Bando de pombos selvagens,
Buscando aladas paragens.

São peregrinas quimeras
Nas vastidões siderais.
Filhas da luz as esferas,
São peregrinas quimeras,
Vão buscando as primaveras
Pelos mundos ideais!...
São peregrinas quimeras
Nas vastidões siderais.

Abres os seios por piedade
Como abre o cálix a flor.
Ninho de amor e bondade,
Abre os seios por piedade!
Aos pobrezinhos quem há de
Negar ternura e amor?
- Abre os seios por piedade,
Como abre o cálix a flor.

Cobrirei de beijos quentes

As tuas mãos pequeninas,
E teus pés, se tu consentes,
Cobrirei de beijos quentes,
Entre soluços ardentes
E as esperanças divinas,
Cobrirei de beijos quentes
As tuas mãos pequeninas.

BILHETE

(A FONTOURA XAVIER,
depois do seu casamento)

Sei que casaste, poeta,
Mas não tive o teu cartão.
Por ter lido na “Gazeta”
Sei que casaste, poeta,
E, como manda a etiqueta,
Eu venho apertar-te a mão.
Sei que casaste, poeta,
Mas não tive o teu cartão.

De luz, de amor sequiosa,
Era tua vida infeliz...
E vagava, aventureira,
De luz, de amor sequiosa,
Por fim, caiu mariposa,
Na luz de uns olhos gentis...
De luz, de amor sequiosa,
Era tua vida infeliz.

Tens agora dois destinos,
Formando o destino teu;
Como um par de alexandrinos,
Tens agora dois destinos,
Unidos pelos divinos

Laços do sábio Himeneu.
Tens agora dois destinos
Formando o destino teu.

Dou parabéns à tua Musa
Por esse bem que te fez;
Embora em frase confusa,
Dou parabéns à tua musa
Deixaste a capa andaluza,
Tomaste o fraque burguês.
Dou parabéns à tua musa
Por esse bem que te fez.

O BANDOLIM DA SENHORITA

“Teu bandolim vibra na alma,
Teu bandolim fala amor;
Com a luaem noite calma
Teu bandolim vibra na alma
E como o pranto que acalma
Toda a mágoa e toda a dor!...
Teu bandolim vibra na alma,
Teu bandolim fala amor.

“Belos, grandes, errabundos.
Vagam seus olhos na luz.
Teus olhos são dois mundos
Belos grandes, errabundos.
Ai! são dois lagos profundos,
One o sol se reproduz.
Belos, grandes, errabundos.
Vagam seus olhos na luz.

“A rosa da tua boca,
Quando ris, perfuma o ar.
É rubra criança louca,
A rosa de tua boca!
A cor da aurora inda é pouca
P’ra sua cor igualar;
A rosa da tua boca,
Quando ris, perfuma o ar.

“Teus pés de forma mimosa
São travessos, são gentis.
Calçam pétalas de rosa
Teus pés de formas mimosas.
Como duas mariposas,
Ou como dois colibris
Teus pés de forma mimosa
São travessos, são gentis.

“Dois botões de faceirice
Colhem os lábios em flor;
São dois focos de meiguice,
Dois botões de faceirice!
Quem há que não se enfeitice,
Que não se renda de amor
Dois botões de faceirice
Colhem os lábios em flor.

“Teu bandolim é um raio
De sol de Montevideu.
De uma alvorada de maio
Teu bandolim é um raio
Tem os filtros dos desmaios
E as harmonias do céu.
Teu bandolim é um raio
De sol de Montevideu.

“As volatas langorosas

Requebram teu doce olhar,
E têm carícias mimosas
As volatas langorosas!
Prismas de orvalho das rosas
A luz de um lindo luar,
As volatas langorosas
Requebram teu doce olhar

“Meu peito anseia e delira
Num vago sonho sem fim
Se o teu bandolim suspira,
Meu peito anseia e delira.
Do paganismo outra lira
Tu tens no teu bandoim!
Meu peito anseia e delira
Num vago sonho sem fim.

A SILVESTRE LIMA²⁰

Ai, que perfume de lima!
Ai, que perfume silvestre!...
Até me provoca a rima,
Ai que perfume de lima!...
Dize, Silvestre de Lima,
Donde este cheiro, Silvestre?...
Ai, que perfume de lima!
Ai, que perfume silvestre!

²⁰ Recolhemos este poema no livro *Teoria Literária*, página 309, de Hênio Tavares. Como não localizamos outra referência, criamos um título para o poema, somente à guisa de identificação.

OUTRAS FORMAS

RAIMUNDO CORREIA

Tanto em verso como em prosa,
Bem compõem e descompõem.
Venha o mote que ele o glosa
Tanto em verso como em prosa
Eu gosto quando ele tosa!
Não descompõem – decompõem!
Tanto em verso como em prosa,
Bem compõem e descompõem.

MINHA MUSA

Minha musa pensativa,
Meu deleite e minha dor!
Morro!... pois foges esquiva,
Minha musa pensativa,
Aí! Não me peças que eu viva,
Vivendo sem teu amor!
Minha musa pensativa,
Meu deleite e minha dor!

QUINTILHAS

I

A luz do teu olhar suave e doce
Iluminou-me inteiramente a vida:
Foi um raio de sol que a vida me trouxe
A esta minha alma quase amortecida
Como se deste mundo já não fosse.

II

Já não me enluta a sombra escura
De um tormentoso e íntimo desgosto;
A luz do teu amor, radiante e pura,
Foi como um sol esplêndido de agosto
Que resplandece, e, límpido, fulgura.

POMBA MANSA

Quando meu lábio trêmulo te oscula
A pequenina mão delgada e fina,
Como uma pomba tímida que arrula,
Minha vida – mal sabes! – canta e pula
Na rósea palma dessa mão divina!

Rio, 1983

ESTRELAS

Eu era um mísero estrangeiro,
Que sem teto e sem lar, a morte anela;
Mas teu amor, ó meu amor primeiro;
Iluminou-me a vida, o mundo inteiro...
E eu te bendigo, lucilante estrela!

O LICEU

Educar a mulher é preparar a esposa,
A mãe, e a mãe é isto apenas: o exemplo.
Deixai vir, pois, da luz a onda luminosa,
Varrer a treva e a sombra às naves deste templo.

A UMA MENINA

Toma essa flor – escuta-lhe os perfumes...
Retrai-se a pobrezinha, meu amor,
Menos bela que tu, sente ciúmes,
Não tem perfume junto aos teus perfumes:
É menos que tu, mimosa flor.

A MÃO

Quando meu lábio trêmulo te oscula
A pequenina mão delgada e fina,
Como uma pomba trêmula que arrula
Minha vida, mal sabes! — canta e pula
Na rósea palma dessa mão divina!

MUSA CARNAVALESCA

Alma de fogo e cognac,
A musa carnavalesca
Dança os cancãs de Offenbach,
Alegre, saia, fresca.

Trepa ao mastro de cocagne,
Faz prodígios malabares,
Dá cambalhotas nos ares,
Bebe fervente o champagne.

É uma heroína pagã
De fortes seivas orgânicas:
Dá gargalhadas satânicas
Que parecem de Satã.

Por onde passa, as Ofélias
De rosto branco mas lindo,
Que vivem sempre tossindo
Como a Dama das Camélias,

Sentem desejos ocultos;
Envolvidas em véu lácteo
Vagarem dalma no pátio
Como fantásticos vultos.

Esta alegre rapariga
Cultiva ironias finas;
Oferece bouquets de urtiga
Às virgens loiras, franzinas.

Vão hoje vê-la aos Tenentes
Mostrar a perna roliça
Que aguça o desejo aos crentes
E aos ascetas que ouvem missa.

GEMMA CUNIBERTI

É tua pátria, a Itália, uma epopéia imensa
Com sílabas de luz. Dessa eterna epopéia
És uma estrofe, um hino, um cântico, uma ideia;
Tu vens da Renascença.

O coração que sente e o cérebro que pensa
Quando a chama do gênio em teu olhar se ateia
O cérebro emudece e o coração tateia
Nas sombras da descrença.

Mas esta criança o que é? Nenhum sábio nos diz
Ela aparece assim como um perpétuo X
De um estranho problema.

E a razão que escapela, e que investiga e estuda,
A Razão para, absorta! E estatelada e muda
Não te define, ó Gemma!

SHOKING

O que não se pode dizer, cativa.
(Beaumarchais)

Ó lúbrica gentil, eu sei que és bela
Que tens sorrisos meigos, voluptuosos,
O olhas deslumbrante, os pés mimosos,
Da Madonas pintadas a aquarela.

Possuis a fronte olímpica, arrogante,
Das Ofélias gentis do boulevard
Tens um donaire altivo e triunfante...
As seduções magnéticas do luar.

Sabes cantar as lânguidas baladas
Mais doces que o sorrir das primaveras,
Danças com graça a lúbrica havanera
Um prodígio és nas polcas figuradas.

Falas bem o francês, o italiano,
– qualidade entre nós pouco vulgar –
Sabes música e tocas no piano
As fantasias loucas de Mozart

E quando, em noite tépida, lasciva,
A lua vaga errante e peregrina,
Cantas som voz angélica e divina

De Beillini a sonora casta-diva.

Mas... sabes por que a par desses encnatos
Desses dons que possuis, dessa opulência,
Eu vivo indiferente como os santos,
E te dou nos salões vossa excelência?

É porque um burguês malicioso
Quando te viu passar numa vitória,
Depois de dar mil tratos à memória
Isto me disse em tom misterioso:

– Ei-la, a bacante impura e desbragada
Que vende por um corte de veludo,
Numa noite de orgia, embriagada,
O corpo ideal a um barão pançudo.

SOBRE O TÚMULO DA TRAGÉDIA

Exemplo das raparigas
Foste da graça a irmã gêmea
Entre os boêmios – boêmia,
Cantaste alegres cantigas.

Onde vias um palhaço,
Imbecil, sarapantado,
Vibravas teu riso de aço
Como um gládio iluminado.

Foste aos centros niilistas
Buscar nitroglicerina,
Para abismar na ruína
Os despóticos paulistas

Contra os poetas insulsos,
Contra os pedantes Mussets
Mandaste imprimir avultos,
Conspiraste à triolets

Veio a morte, e a morte, enfim,
A própria morte venceste,
Pois, Comédia, não morreste,
Porque vive o Valentim.
(Gazeta da Tarde , 25 de maio de 1881)

NIÁGARA FALLS

As flores em renques estendidas
Quedam-se ao longo de terror transidas,
Como assistindo ao desabar de um mundo,
Quando o Niágara ululando aos roncoss
Passa ruindo-lhe os vetustos troncos,
Precípite, colérico, iracundo!...

As montanhas e as matas seculares
Pasmam escutam-lhe o troar dos mares
De queda em queda, longe reboando!
E além das selvas, na amplidão vibrada
Cala a matilha dos ventos atrelados,
Passam ao largo os ciclones rosnando!...

Pairam no ar as aves espalmadas
As neblinas debruçam-se esgarçadas
Pelas copas das árvores gigantes...
As catadupas sobre os sorvedouros
Rolam, estrugem num bramar de touros,
Despedaçam-se, vão espumejantes!...

Fervem, desabam os cachões de espuma,
As nuvens acumulam-se uma a uma
Descendo sobre as hórridas voragens...
E vê-se, ao fundo, no horizonte imersa,
Fugindo célere, ao bramir dispersa

Uma tribo de búfalos selvagens...

Paro em frente do abismo revoltado;
E parece-me ver o Corcovado
Com o Amazonas suspenso aos ombros,
Grande! Tentando o derradeiro esforço
Ceder, a despejar sobre o dorso
Todo este enorme pélago de assombros!...

Estas grandezas, sim, que são da América!
Tão majestosa, esplêndida e feérica,
Só ela as pode conhecer tão grandes!...
Ao sul, os Andes... Amazonas... Prata
Para o norte, as imensas cataratas,
Como um Oceano a despenhar dos Andes!...

LUZ DE AMOR

A luz do teu olhar suave e doce
Iluminou-me inteiramente a vida:
Foi um raio de sol que a vida trouxe
A esta minh'alma quase amortecida
Como de deste mundo já não fosse.

Já não me enluta agora a sombra escura
De um tormentoso e íntimo desgosto;
A luz do teu amor, radiante e pura,
Foi como um sol esplêndido de agosto
Que resplandece e, límpido, fulgura.